



## **EU SOU PORQUE NÓS SOMOS: A RODA DO CANDOMBLÉ E O CUIDADO COMPARTILHADO**

*Tata Kibuku Mungongo<sup>1</sup>.*

Águas Lindas-GO, 16 de dezembro de 2025

Meu querido irmão,

Escrevo-te para partilhar algo que tenho cultivado no coração: o candomblé, para mim, é um grande exercício de cuidado coletivo.

Quando lembro de nossos ancestrais, arrancados da África e forçados a resistir aqui, vejo que a roda do terreiro nunca foi apenas dança ou rito. Foi e continua sendo sobrevivência. “Candomblé é resistência” — repetimos tantas vezes, e não é exagero: é pura verdade. Nossos terreiros sempre foram abrigo, alimento e acolhimento diante de um mundo que insiste no individualismo e no “cada um por si”.

A roda me ensina, irmão, que ninguém caminha só. Ela começa com os mais velhos, alcança os mais novos e nunca deixa de girar. Nesse movimento, aprendemos que dependemos uns dos outros, que a vida é fluxo e que não existem lugares fixos. Antes de qualquer posto ou função, estão as pessoas — nós, de mãos dadas. E é preciso lembrar que nossos mais velhos, que em terra representam a presença dos ancestrais, também são pessoas como nós. Não cabe colocá-los no lugar de messias, nem exigir deles uma abnegação desumana.

Nossa tradição não conhece a ideia de sacerdócio separado da vida cotidiana, porque também não nos guia o pensamento maniqueísta que separa o sagrado do profano. Por isso, não é justo cobrar deles dedicação integral para resolver cada questão individual. Essa cobrança seria contraditória com aquilo em que acreditamos e com a forma como vivemos.

---

<sup>1</sup> Tata Kibuku Mungongo, é Tata kambono na Inzo Ana Nzambi Junsara, casa de candomblé Angola da raiz Tumba Junsara, situada em Águas-Lindas de Goiás. Ativista dos movimentos sociais negros. Desde 2024 chefe de gabinete no Sindicato Nacional dos Servidores das Agências Nacionais de Regulação. Contato: danielkibuko@gmail.com.



Na roda, o que vale é o encontro de olhares. Diferente de espaços onde só se vê a nuca de quem está à frente e se obedece a um líder distante, no terreiro nos olhamos de igual para igual. É uma horizontalidade que aproxima, que nos lembra — como disse Sueli Carneiro — que nossa força nasce da circularidade e da responsabilidade compartilhada.

Por isso, meu irmão, essa família em roda é revolucionária. Não é a família isolada e adoecida do modelo ocidental, mas uma família que se reconhece inteira, que aprende a cuidar de si mesma para não se quebrar. Sim, trazemos contradições, porque somos humanos e produtos não apenas dos nossos ancestrais, mas também atravessados pelo pensamento liberal hegemônico. Nascemos da resistência em diáspora, e muitas vezes reproduzimos comportamentos e ideias dos opressores que nos cercam. Muitas vezes esperamos demais dos mais velhos, como se fossem donos de todas as respostas. Mas eles também fazem parte da roda, como nós

E aqui o Nguzu nos ensina outra grande lição: ele cresce quanto mais se compartilha. Não se esgota quando é dividido; ao contrário, se multiplica. Por isso, não devemos cair na tentação de nos imaginar superiores a ninguém, como se pudéssemos sozinhos carregar todas as soluções. Nossa convivência é na diversidade, e é nela que floresce a riqueza da roda. Para cada desafio da vida existem muitos caminhos, e cada pessoa encontrará aquele que melhor lhe serve. No terreiro não cabe o julgamento, mas sim o enaltecimento da diferença — porque é ela que fortalece nossa roda, tornando-a mais inteira e luminosa.

Que o Nguzu siga circulando entre nós meu irmão, como seiva, como vento, como sangue. Que nunca nos falte, e que saibamos sempre multiplicá-lo, cuidando uns dos outros e celebrando nossa diversidade

Com carinho e Nguzu,

Teu irmão.